



Plataforma B

Plataforma A

ABRIL, 1990

O ARAUTO da SANTIDADE



European Nazarene
Bible College
Library

Obrigado Senhor pela Páscoa!
Embora estejamos a celebrar a Páscoa de 1990, o seu significado espiritual prolonga-se por todo o ano. A Ressurreição é uma realidade gloriosa para todas as épocas.

É apropriado que, no hemisfério em que muitos de nós vivemos, a ressurreição de Cristo da morte e do túmulo tenha sido durante a primavera quando a natureza se refaz do frio, dos tentáculos ásperos do inverno. As árvores despidas começam a encher-se de folhagem verde. Os lírios e as tulipas desabrocham numa exuberância de cor. Os animais vão despertando do longo sono de hibernação do inverno. Começa a surgir nova vida da morte.

Que eloquente quadro é este do reavivamento da nossa herança da ressurreição! Milhares de companheiros de oração compartilham com a Junta de Superintendentes Gerais na intercessão diária por um poderoso despertamento

espiritual na nossa igreja. A corrente de oração chega a todo o mundo. Isto significa que a petição sincera por avivamento genuíno está a subir ao trono da graça numa continuidade permanente, dia e noite. Enquanto uns dormem, outros oram. E Deus responderá a estas orações!

O reavivamento que precisamos ressuscitará as prioridades espirituais na vida do povo de Deus. A inactividade do mundo pecador que nos rodeia desgasta muito do gume afiado do nosso discipulado. O reavivamento produz primeiro amor a Cristo, concedendo-Lhe prioridade em todas as áreas da vida. Uma destas áreas é o nosso tempo. Um jovem comerciante experimentou verdadeiro avivamento numa campanha de evangelismo na igreja local. Foi ter com o pastor e testificou que Deus o tinha repreendido acerca do pouco tempo que ele

dedicava ao trabalho da igreja. Comprometeu-se então a dar metade dum dia de suas ocupações, por semana, para o evangelismo de visitação. Morreu no espaço dum ano, aos 35 de idade. Mas nesse ano tinha orientado muitas pessoas para Cristo e deixado uma influência imorredoura na vida de centenas. Sim, o verdadeiro reavivamento coloca o nosso tempo à disposição de Deus.

O reavivamento também ressuscita uma prioridade sobre a vida santa. O apóstolo Pedro di-lo claramente: "Não vos conformando com as concupiscências que antes havia na vossa ignorância; mas, como é santo aquele que vos chamou, sede vós, também santos, em toda a vossa maneira de viver" (I Pedro 1:14-15). No capítulo seguinte exorta: "Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as virtudes



daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz... Peço-vos, como a peregrinos e forasteiros, que vos abstiniais das concupiscências carnaís, que combatem contra a alma" (2:9-11). Sim, o reavivamento espiritual fala ao nosso estilo de vida.

O presbiteriano David Redding reforça esta verdade:

"Temos vivido sob o puritanismo e zombado de cada sinal de rigor ou de padrões. Existe o perigo de demasiadas exterioridades. Poderá o nosso perigo consistir em fazer muito pouco? Temos considerado as regras dos nossos fundadores como restrições em vez de estruturas. De acordo com Daniel, o segredo para a nossa salvação pode consistir em bons hábitos e costumes sagrados que revestem de carne a nossa fé."

Ó Deus, que a igreja possa experimentar uma ressurreição espiritual que renove cada área da nossa vida cristã. "Para que o mundo conheça". Amém. □

—EUGENE L. STOWE
Superintendente Geral



"Esta é a história do maior de todos os comandantes". Com tais palavras o Lorde Chalfont conclui a introdução à biografia de Alexandre Magno. Não há dúvida que, se houve dirigentes militares como Alexandre Magno, foram bem poucos. Contudo, comparado a Jesus Cristo, Alexandre não é magno, mas simplesmente famoso. De acordo com as Escrituras,

"Melhor é o longânimo do que o herói da guerra, e o que domina o seu espírito do que o que toma uma cidade". Alexandre Magno conquistou inúmeras cidades, mas não conseguiu dominar seu próprio espírito. Certa noite, no decorrer duma "guerra de palavras", ele tomou uma lança e matou Cleitus, oficial do seu exército, que em certa ocasião salvara a vida ao imperador. Que

contraste com Cristo, que curou a orelha cortada de um dos que O prenderam na véspera da Sua execução.

A inabilidade de Alexandre de se controlar precipitou sua morte. Hephaestion, seu amigo mais íntimo, sofreu um colapso e faleceu repentinamente durante uma orgia. Alexandre enlutou-se irracionalmente. Ordenou a execução do médico do amigo e a extinção de todas as chamas sagradas no império. Sem encontrar consolo nestas medidas, voltou-se para a bebida; andava em farras quando foi atingido por uma enfermidade. Poucos dias depois falecia. Pelo contrário, Jesus Cristo cravou sua humanidade imaculada numa cruz e entregou Sua vida como oferta pelo pecado.

Quando a notícia da morte de Alexandre chegou a Atenas, certo político chamado Demades insistiu que o boato era falso. "Se Alexandre estivesse realmente morto", argumentou ele, "o mau cheiro do seu cadáver já teria infestado o mundo". Mas ele estava realmente morto e continua até hoje.

Jesus não esteve morto por muito tempo! Ele ressuscitou ao terceiro dia e vive para todo sempre. Ele enfrentou e conquistou o pecado, a culpa, a morte e Satanás. Sua cruz é a dobradiça que faz girar a cancela da vida eterna. Aparecendo aos discípulos, o Senhor Ressurrecto declarou: "Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra". Ele verdadeiramente é "o maior entre os poderosos"—"Rei dos Reis e Senhor dos senhores", em cuja presença a figura de Alexandre Magno se encolhe e empalidece.

"Os sonhos e ambições que Alexandre ainda mantinha", escreveu Frank Lipsius, "pereceram com ele". Jesus Cristo está ainda realizando os Seus sonhos. □

—W. E. McCUMBER

O ARAUTO da SANTIDADE

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO

Volume XIX—Número 4

Abril, 1990

NESTE NÚMERO

RESSURREIÇÃO E AVIVAMENTO	2
<i>Eugene L. Stowe, Super. Geral</i>	
COMANDANTE SUPREMO—O NOSSO SENHOR RESSURRECTO	3
<i>W. E. McCumber</i>	
PROVAS DA RESSURREIÇÃO	5
<i>Ivan A. Beals</i>	
VINDE E VEDE	6
<i>Morris A. Weigelt</i>	
CONSEQUÊNCIAS DUM ENCONTRO	7
<i>Eudo T. de Almeida</i>	
SER SANTO	8
<i>Austolino Levy</i>	
VOCÊ CONHECE-O?	9
<i>Valkyrie Murphy</i>	
QUE É O HOMEM?	10
<i>Shelby Corlett</i>	
DEUS NUNCA DEIXA DE AMAR	11
<i>Jerry McCant</i>	
O NOSSO REFÚGIO	13
<i>Dallas Baggett</i>	
DESENVOLVIMENTO DUMA VISÃO MUNDIAL	14
<i>Louie E. Bustle</i>	
POR QUE VAMOS À IGREJA?	16
<i>Fernando C. de Oliveira</i>	
QUANDO SE TORNOU INTERNACIONAL A IGREJA DO NAZARENO?	17
<i>Charles Gailey</i>	
INTERNACIONALIZAÇÃO—NÃO É MAU TERMO	18
<i>Robert H. Scott</i>	
CREIO EM MISSÕES (P. Missionária)	20
<i>Kenneth Sullivan</i>	
MENSAGEM DIVINA	21
<i>Elias Pascoal</i>	
JUVENTUDE, TESOURO DIVINO (M. Jovem)	22
<i>Edgar Gonzalez</i>	
A CRUZ AQUI. A CRUZ AGORA	23
<i>Sérgio Franco</i>	
QUANTO DEVEMOS À NOSSA IGREJA!	24
<i>Oscar Mingorance</i>	
400 DESGRAÇADOS (P. Devocional)	25
<i>Manuela C. de Barros</i>	
PERGUNTAS E RESPOSTAS	26
O CAMPO É O MUNDO	27

BENNETT DUDNEY, Director Geral

MANUELA C. DE BARROS, Directora Editorial

ACÁCIO PEREIRA, Redactor

ROLAND MILLER, Artista

CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES, Administradora

O ARAUTO DA SANTIDADE é membro da EPA (Associação da Imprensa Evangélica)

"O ARAUTO DA SANTIDADE", USPS 393-370, é publicado mensalmente por Publicações Internacionais e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Ave., Kansas City, Missouri 64109, E.U.A. Toda a correspondência respeitante a subscrições deve ser endereçada a Publicações Internacionais, 6401 The Paseo, Kansas City, Missouri 64131, E.U.A. Direitos reservados (1990) pela Casa Nazarena de Publicações. Preço da subscrição anual: US\$4.00. Aceite como correspondência de segunda classe em Kansas City, Missouri, E.U.A.

"O ARAUTO DA SANTIDADE", USPS 393-370, is published monthly by Publications International, printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Ave., Kansas City, Missouri 64109. Editorial offices at 6401 The Paseo, Kansas City, Missouri 64131. Address all correspondence concerning subscriptions to Publications International, 6401 The Paseo, Kansas City, MO. 64131. Copyright (1990) by Nazarene Publishing House. Postmaster: Please send Change of address to O ARAUTO DA SANTIDADE, 6401 The Paseo, Kansas City, MO. 64131. Subscription price: US\$4.00 per year. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, U.S.A.



Foi apresentada a Tomé, o incrédulo, uma prova definitiva: colocar o dedo nas mãos de Jesus traspassadas pelos cravos. Mas esse discípulo precisava ainda de crer que a Pessoa que estava à sua frente era realmente o Senhor, pois tanto nessa altura como agora as aparições de Jesus depois da morte têm sido postas em dúvida. Ninguém pode ser obrigado a crer na narração bíblica de testemunhas oculares.

Mas a evidência histórica apoia o facto de algo acontecido que dera origem à Igreja Cristã. Os primeiros cristãos multiplicaram-se apesar de ameaças e perseguições, e rejeitaram as acusações de que a ressurreição era uma farsa. A sua declaração de que Jesus ressuscitara dos mortos, continua a ser o centro da fé cristã.

O cadáver de Jesus nunca foi exibido para provar que não tinha ressuscitado. O Seu túmulo permaneceu aberto e vazio. É certo que acusaram os discípulos de ter roubado o corpo de Jesus, mas eles nunca foram a tribunal por causa disso.

Durante três dias e até Jesus aparecer aos Seus discípulos, estes pensaram que alguém roubara o corpo do Mestre. Porém, quando o Senhor lhes apareceu, acabou com todas as acusações.

Ao ouvirem notícias acerca da ressurreição de Cristo, as autoridades procuraram sufocá-las. Mas nenhum comité conseguiu evidências suficientes para silenciar o evangelho da Ressurreição do Mestre. As boas novas espalharam-se como a luz dum novo dia. Até as sombrias ameaças de prisão perderam a sua força perante a proclamação gloriosa de que o Salvador ressuscitara.

Teria realmente Jesus ressuscitado como predissera?

Teria saído do sepulcro como os Seus discípulos o declararam com ousadia? Alguns que não acreditaram no túmulo vazio, continuaram a ver o futuro enevado. Mas outros acreditaram de todo o coração na feliz notícia. As aparições surpreendentes de Jesus aos Seus seguidores comunicaram-lhes uma esperança firme.

Não foi mais fácil para os contemporâneos de Cristo crer n'Ele do que é para nós. Consideremos o cenário: uma enorme pedra removida do lugar e um sepulcro, antes ocupado e selado, com uma grande entrada por onde se podia ver um lençol no chão. Estava vazio! O primeiro pensamento é que alguém roubara o corpo! Mas esses temores desapareceram com as aparições de Jesus.

E como nos aparece Ele a nós tantos séculos depois? Em certo sentido cada pessoa tem um encontro com a Presença bendita de Cristo. Há muita variedade de encontros, mas o resultado é a confirmação de que Cristo vive. Esta é a base da doutrina cristã. Qualquer outra explicação torna Cristo mentiroso. Por outro lado, a Sua presença espiritual é prova da Sua ressurreição.

Os "Tomés modernos" e os críticos necessitam de enfrentar a realidade da presença espiritual de Cristo. Têm que admitir o impacto que a ressurreição do Mestre faz na vida de cada crente. Embora alguns ficassem satisfeitos com a ressurreição espiritual de Cristo, isso não basta. A ressurreição do corpo de Jesus era necessária para que todo o nosso ser fosse redimido.

Os cristãos não precisam de esperar até à prova final da ressurreição no último dia. Sabemos que Cristo vive porque vive no nosso coração. Agradecemos a Deus ter-nos dado vida através do Espírito Santo. Mas esta nova vida pela fé em Jesus Cristo vivifica os nossos corpos e espíritos.

A prova da ressurreição do nosso Senhor encontra-se nas vidas transformadas dos que depositaram toda a sua fé n'Ele. Outras evidências podem ser passadas por alto. A investigação só nos tem apresentado até agora provas escriturísticas das quais alguém pode duvidar. Mas cada santo que vive e morre na fé cristã afirma que Cristo ressuscitou. A vida transformada de pecadores é uma prova de que Cristo morreu na cruz por nossos pecados e que ressuscitou ao terceiro dia.

Jesus Cristo venceu o pecado e a morte. □

A estratégia
e a
disciplina são
simplesmente
meios para o
verdadeiro fim.

VINDE E VEDE

"Vinde e vede" é a surpreendente e chocante resposta de Jesus à pergunta de alguns novos discípulos, no capítulo 1 de João. Não se espera que Jesus responda assim. Ele poderia, pelo menos, ter oferecido alguma orientação mais clara; apresentar-lhes uma espécie de mapa ou um livro de instruções. Mas não o fez. A graça, a meu ver, tem algo de semelhante!

João Batista está a exercer um grande ministério. Ele compreende a sua missão como testemunha da "verdadeira luz que alumia a todo homem" (v. 9). Cumpre tão bem a sua missão que os próprios discípulos o compreendem perfeitamente.

Por isso não é de surpreender que João anuncie a tão esperada notícia: "Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!" (v. 29). O que João ensina e testifica é extraordinariamente claro: "Eu vi, e tenho testificado que este é o Filho de Deus" (v. 34).

A repetição da notícia no dia seguinte resulta numa decisão ousada dos discípulos. Enquanto João fala, dois deles dão meia volta e começam a seguir a Jesus. Acreditaram à letra no que o Batista afirmou. Gosto do estilo destes dois discípulos. Fico a

pensar como é que eu teria reagido ao anúncio.

A primeira resposta surpreendente de Jesus aos novos discípulos é: "Que buscais?" O tom destas palavras no original sugere ideias como estas: "Que procuram?" ou "Que estão investigando?" ou "Realmente, que querem vocês?" ou "Por que estão aqui?" Isto devia ser suficiente para levar qualquer discípulo prospectivo a desistir.

Esta pergunta é o coração de qualquer ritmo de crescimento espiritual. Qual o alvo da sua vida? Qual o seu alvo espiritual? Que estratégias usará você para esse alvo? Que investimentos está disposto a fazer para o atingir?

Perguntas de tanta importância puxam-nos pelas mangas. Muitas vezes, tais perguntas assaltam-nos à meia-noite, quando não temos sono. Por que procedo assim? Valerá a pena? E depois que rumo vou tomar? Qual a finalidade de tudo isto?

Admiro aqueles discípulos. Não desanimam com a pergunta importuna de Jesus. Decidem que a melhor

resposta é outra pergunta. Procuram colocar Jesus na defensiva, perguntando: "Rabi, onde moras?" (v. 38).

Os dois discípulos tinham ficado convencidos com as palavras de João Batista que Jesus tinha resposta para as perguntas mais profundas. Não estavam dispostos a deixar-se despistar na busca iniciada. Avançaram simplesmente para o alvo de descobrir respostas que o seu novo Mestre teria para eles.

Queriam passar algum tempo com Ele. Desejavam viver no mesmo lugar. Queriam ver como Suas respostas influenciavam o Seu próprio estilo de vida. Em seus corações reconheciam que as respostas mais profundas às perguntas mais profundas descobrem-se no relacionamento e não em simples conceitos.

Então vem a parte surpreendente da resposta de Jesus: "Vinde e vede" (v. 39). Jesus compreendeu que a natureza do relacionamento não pode ser descrita adequadamente em conceitos abstractos. As normas do relacionamento podem ser definidas. Os perigos latentes do relacionamento podem ser identificados. Alguns dos resultados do relacionamento podem ser traduzidos em palavras, mas a qualidade do relacionamento é assunto a ser experimentado.

Lembro-me do dia em que com hesitação perguntei ao meu pai: "Como saberei quando estou apaixonado?" Com um olhar distante, ele respondeu sabiamente: "Quando isso acontecer você saberá". Foi tudo que ele me quis ou pôde dizer.

Jesus convidou os discípulos de João Batista a terem uma experiência de primeira mão. Queria que aprendessem pessoalmente a qualidade do relacionamento. Compreendeu que oração, meditação, estudo e serviço, nunca constituem fins em si mesmos. A estratégia e a disciplina são simplesmente meios para se alcançar o verdadeiro alvo—relacionamentos.

O resultado na vida dos primeiros discípulos foi imediato. João 1:39 informa que acompanharam a Jesus e "ficaram com Ele aquele dia". No versículo seguinte André se apressa a encontrar e a convidar o irmão a vir e a experimentar nova vida com o Messias. Um relacionamento de tal qualidade exige ser compartilhado.

No parágrafo seguinte, quando Natanael duvida da identificação do Messias apresentado por Filipe, ele recebe o mesmo convite: "Vem e vê" (v. 46).

O padrão mais importante de formação espiritual é cultivar um relacionamento contínuo com o Messias. Jesus ainda hoje nos convida com as mesmas palavras surpreendentes: "Vinde e vede!" □



—MORRIS A. WEIGELT

CONSEQUÊNCIAS

DUM ENCONTRO

—EUDO T. DE ALMEIDA

Era dia de Páscoa e a multidão ainda comentava a ressurreição de Lázaro. Muita gente rodeava Jesus provocando inveja e preocupação a fariseus. Foi quando alguns gregos, normalmente dados à curiosidade, também desejaram ver Jesus sobre quem caía a atenção do povo. Dirigiram-se a Filipe que falou a André sobre o interesse dos gregos. Juntos foram dizer isso a Jesus que, ao que parece, ficou agitado e começou a falar da Sua morte e sobre o preço em seguí-Lo. A impressão que se tem lendo a passagem (João 12:20-26) é que Jesus não queria ser conhecido como um ressuscitador de

mortos, mas que fosse conhecido como Aquele que morreria pela humanidade. Foi quando uma voz veio do céu (v.28), atendendo ao pedido de Jesus para que o nome de Deus fosse glorificado. Jesus afirmou no Seu sermão que seria "levantado da terra e atrairia todos para Ele" (v.32) repetindo o que já tinha dito a Nicodemos (João 3:14). Jesus já foi levantado e milhões já foram atraídos e O seguem, alguns pagaram com a vida esta escolha. Li de um africano que, embora aleijado, andou muitos quilômetros rastejando pelas estradas, não para pagar promessas, mas para satisfazer a sede do evangelho de que tinha

ouvido falar. Fez esta longa e cansativa caminhada para chegar a uma missão e ouvir as Boas Novas.

Três boas razões pelas quais você precisa ver Jesus: *A primeira é Ele que o esclarecerá.* Há muita confusão à volta do Caminho. Nos dias de Jesus, bem como antes e depois, apareceram muitos falsos Messias; e hoje temos falsos pregadores, verdadeiros anticristos disfarçados, criando confusão à volta da pessoa de Jesus. Há quem diga que sem o auxílio de Maria não se vai a Deus e que sem o uso de imagens não se pode adorar a Deus convenientemente—"graças a um rosto visível, o nosso espírito será transportado, por um atractivo espiritual, até a majestade invisível da divindade, através da imagem em que está representada a carne" (Papa Adriano). Mas Jesus disse: "Deus deve ser adorado em espírito e verdade" (João 4: 23) e os que seguem este conselho sabem que fica mais fácil e acessível a um que nasceu cego de nascença e não pode ver imagem alguma. Espiritistas advogam a necessidade de várias reencarnações para se alcançar o alvo, mas Jesus disse a Nicodemos que a obra do Espírito seria totalmente consumada no instante em que alguém cresse n'Ele (João 6:68). João Batista tinha confessado que Jesus era e é o "Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo" (João 1:29).

Não há salvação fora de Jesus (João 10:1-10). Há outras luzes, sempre houve e haverá—Platão, Aristóteles, Confúcio, Buda, etc., mas "em nenhum outro há salvação" (Atos 4:1-12, I Tim. 2:5).

Precisamos ir a Jesus *para sermos convencidos* de que ressuscitara a Lázaro. Ele estava ali em pessoa e Lázaro também. Muitos viram o milagre e outros vieram e creram (vs.9-11).

Ninguém contestava o facto, pois Lázaro saíra da sepultura. Ele podia ser apalpado, visto e ouvido. Por isso, os fariseus pensaram também em matá-lo (João 12:10-11). *Matar a Lázaro* para mim, nos dias de hoje, é fechar os olhos ou ouvidos à verdade. Há muitos Lázaros no mundo que foram restaurados para uma nova vida—eles saíram da sepultura e também foram desatados. Verdadeiramente livres, servem a Deus pregando, dando, orando, ensinando e vivendo uma vida separada do pecado. Há muitos “Lázaros” e o próprio apóstolo Paulo dizia que ele era o primeiro.

Ir a Jesus é mais que alcançar a Justificação, o perdão de pecados. Ele também nos santifica—“e por isso Jesus para santificar o povo pelo seu próprio sangue padeceu fora da porta” (Hebreus 13:12). O arrependimento, quando verdadeiro, implica uma volta completa e entrega subsequente a Deus em “sacrifício vivo” (Rom. 12:1). E isto significa mais que uma simples promessa de segui-Lo, é uma entrega total a Deus para servi-Lo ainda que com vitupérios.

Os tempos são maus, você precisa de Jesus. O pecador vai a Ele para o perdão; o salvo precisa ir a Ele para a purificação e aperfeiçoamento do carácter. Você precisa ir para poder levar os seus familiares, amigos e inimigos. Depois de ver Jesus e ser transformados, todos precisam de ouvir: *Vai para tua casa e conta quão grandes coisas o Senhor te fez* (Marcos 5:19).

Zaqueu viu Jesus, recebeu-O em casa e foi salvo. Os gregos queriam ver Jesus, mas não sabemos que aconteceu depois, como aproveitaram a oportunidade.

O resultado da exposição a Cristo depende, ainda hoje, da decisão individual de seguir o Seu caminho. □

SER

🔥 O conceito de *santidade* ou de ser santo alimentado por muitas pessoas não crentes, ou mesmo por outras simplesmente religiosas, é ser como as imagens de escultura existentes em muitas igrejas. 🔥 Outras acham que é impossível ser-se santo nesta vida, que é mesmo vedado às criaturas humanas serem santas. Há pessoas que até têm medo de o ser porque dizem que só seremos santos depois da morte. Por isso, como temem morrer, também têm medo de ser santas. É certo que, para sermos santos, temos de morrer; mas morrer para o pecado e ser revestidos da presença do Espírito Santo. 🔥 Há, pois, muitos conceitos errados neste sentido. Alguém contou à minha esposa que um grupo de rapazes confessavam-se verdadeiramente religiosos: deixaram de brincar com os amigos, de falar com pessoas não envolvidas na igreja e até deixaram de namorar, porque estas coisas para eles constituíam pecado. Trata-se de um conceito falso do que é ser-se cristão e santo. Em Hebreus 12:14, lemos: “Segui a paz com todos e a santificação sem a qual ninguém verá o Senhor”. 🔥 Ser santo é estar liberto do pecado; é ter um coração transformado e moldado pelo Espírito Santo. 🔥 É estar purificado pelo sangue do Senhor Jesus Cristo, conforme I João 1:7. 🔥 É produzir o fruto do Espírito (Gálatas 5:22), amar aos inimigos, influenciar outras pessoas. 🔥 É ser perfeito como é Perfeito o nosso Pai que está nos céus, segundo ordena Mateus 5:48. 🔥 Ser santo é identificar-nos com Cristo, viver de tal maneira que o mundo possa conhecer Jesus Cristo através do nosso viver: comportamento, linguagem, testemunho e acção diária. 🔥 Santo é aquele que ama a Deus, ama o próximo, ama o inimigo, não guarda ressentimento, não resmunga; é aquele cuja acção diz: “Vivo não mais eu, mas Cristo vive em mim” (Gálatas 2:20). 🔥 Santo é aquele que passa e deixa marcas; a sua influência perpetua-o, porque ele vive conforme exige o seu Mestre e todos testificam da sua vida moral e fé cristã. Ser santo é morrer para o mundo e sua miséria, e viver para Deus. É ser o templo do Espírito Santo e no coração fruir a alegria de viver e andar com Cristo, com aquela eterna paz que o mundo não pode tirar; viver para Deus em pureza, santidade e justiça. 🔥 O Senhor disse ao povo de Israel, e também a nós: “Sede santos, porque Eu sou santo” (I Pedro 1:16). 🔥 □

SANTO

—AUSTOLINO LEVY

VOCÊ CONHECE-O?

—VALKYRIE MURPHY

Deus, cuja essência é amor,
deseja manter um
relacionamento amoroso e
íntimo com o Seu povo. Deseja
que, momento após momento,



experimentemos a realidade da Sua presença: "Não quero sacrifícios—quero o seu amor. Não me interesso por suas ofertas; o que Eu quero é que vocês Me conheçam" (Oseias 6:6, BV).

Começamos a conhecer e amar a Deus através da revelação pessoal que nos chega pela fé. Este relacionamento realiza-se quando nos aproximamos de Cristo, que é a Luz. Somos iluminados quando O buscamos. Aceitá-IO é alcançar a verdade. Procuramos conhecer a Deus. Jesus disse: "Se vós me tivésseis conhecido, conheceríeis também a meu Pai. Desde agora o conheceis e o tendes visto" (João 14:7).

Mero conhecimento acerca de Jesus não é Cristianismo. O Cristianismo é *conhecer* a Jesus como Salvador e Senhor. É conhecer a comunhão com Ele que resulta da obra transformadora do Espírito. É conhecimento de coração e não só intelectual. Há sempre a possibilidade de um estudioso e perito nas Escrituras, destro em debates teológicos, não viver em comunhão com Cristo. Deus não é uma ideia a ser discutida. Ele é a realidade da qual participamos. Temos acesso ao conhecimento de Deus quando entramos no Seu reino. Jesus disse que sem fé não podemos ver e muito menos entrar no reino de Deus. "Se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus...quem não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus" (João 3:3, 5).

Havia tempo que eu assistia à igreja, e que participava nos seus rituais e práticas. Embora não experimentasse verdadeira plenitude, cria que devia ser isso o que significava ser cristão. Se me faltava gozo interior, eu julgava que precisava de me esforçar mais. Então certo dia, ao entrar na classe de adultos da E. D., os meus olhos se fixaram nas

palavras que o professor escrevera no quadro em letras gordas: O CRISTIANISMO É UM RELACIONAMENTO PESSOAL COM JESUS CRISTO. Aquelas palavras simples e directas atingiram-me como o amanhecer após noite longa e escura. Percebi que não tinha tomado a sério a assistência à igreja, que me envolvera em coisas exteriores e que o Cristianismo é assunto do coração. Tinha substituído o ritual pelo relacionamento. Carecia de conhecimento pessoal de Deus; a minha alma não se aproximara d'Ele.

Sem demora, depois de ler a mensagem, busquei por fé o Senhor. Ele segurou minha mão e conduziu meus passos ao Reino. Na majestade e beleza daquele momento conheci a Deus. Desde então, ou na igreja ou no mundo, a vida tem uma vivacidade e propósito valioso, próprio da nova vida—vivendo com o conhecimento pessoal e vital de Deus.

Jesus convida a cada um: "Vem para a luz. Adquire conhecimento. Toma posse do Reino. Permanece em mim".

Algo maravilhoso acontece quando aceitamos o convite de Cristo e abrimos nossas vidas ao Seu toque. O milagre acontece. Recebemos um novo coração que ama a Deus; um novo espírito que tem comunhão com Ele; e mente renovada, aberta e receptiva à verdade espiritual—uma mente ansiosa por aprender com o conselho de cristãos sábios e que se deleita no estudo das Escrituras. De forma misteriosa, o próprio Jesus que vive em nós, é nosso Mestre, Conselheiro e Guia. Enquanto aprendemos a reconhecer Sua voz e a escutá-Lo, somos libertos do egoísmo e conformidade com o mundo. Somos transformados. Cristo torna-se o centro da vida, inundando-a de esperança e alegria. "E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus" (Romanos 12:2).

A palavra "conhecer", como usada na Bíblia, envolve mais do que "estar familiarizado com algo". No sentido bíblico "conhecer" fala da união íntima entre marido e mulher, dois que se tornam um. Deus escolheu esta imagem do casamento para descrever o relacionamento amoroso entre Ele e o Seu povo.

"Desposar-te-ei comigo para sempre; desposar-te-ei comigo em justiça e em juízo, e em benignidade, e em misericórdias; desposar-te-ei comigo em fidelidade, e conhecerás ao Senhor" (Oséias 2:19-20).

No Novo Testamento a Igreja é conhecida como "a Noiva de Cristo". O relacionamento entre Noiva e Noivo é de amor, satisfação, intimidade e gozo. É também um relacionamento em que cada participante renuncia o viver individual a favor do cônjuge. Jesus deu a vida por Sua esposa, a Igreja. "Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela" (Efésios 5:25).

Como Noiva, a nossa união pessoal com Cristo requer a negação de nós mesmos por Ele. "Logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que agora tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim" (Gálatas 2:20).

Conhecer a Cristo fala do mistério da união divina com Ele, da aceitação de Cristo no coração. Não há maior gozo do que a certeza de que Aquele que é puro amor vive em nós. Com a luz do Seu amor que ilumina os olhos do coração, nos enchemos de amor, amando mais a Deus e procurando outros em amor. Como afirmou William Penn: "Acima de tudo está o amor; e quando o amor nos dominar e encher, amaremos a Deus e uns aos outros". □

QUE É O

1. Qual é a origem do homem?

O homem é a obra-prima da criação divina. Porquanto criou-o à Sua imagem e dotou-o de possibilidades ilimitadas, é também objecto do cuidado especial e do amor de Deus.

2. Qual é a natureza essencial do homem?

O homem não é essencialmente matéria; nem é essencialmente intelecto, embora pense, sinta, ame e deseje através da mente; ele é essencialmente espírito ou personalidade, criado à semelhança de Deus.

3. Quais os relacionamentos do homem?

O homem deve a Deus "vida, alimento e todas as coisas"; é um ser religioso cujo dever principal consiste em temer a Deus e guardar os Seus mandamentos; é um ser moral sujeito às leis que governam o mundo moral; é um ser social obrigado a viver como irmão; é mordomo da sua vida e tem obrigação de lhe ser fiel.

4. Qual a verdadeira relação do homem com Deus?

O homem deve estar completamente consagrado a Deus colaborando com Ele no desenvolvimento duma personalidade cristã. Existem possibilidades no homem que somente Deus pode desenvolver bem como faculdades que só poderão responder ao mandato divino.

5. Qual o relacionamento adequado do homem com o mundo físico?

O homem subjugará e dominará o reino físico (Gênesis 1:28-30). Nada neste mundo o

HOMEM?

pode dominar a ele, pois sempre será senhor das coisas materiais ou físicas.

6. *Qual o principal objectivo da vida do homem?*

A vida não consiste somente em comer e vestir (Mateus 6:25-34) ou buscar gratificação física e felicidade pessoal; o objectivo principal da vida é desenvolver uma personalidade cristã mediante a relação directa com Deus e o uso adequado de associações humanas, bens e oportunidades pessoais bem como a prática da mordomia em todas as fases da vida.

7. *Até que grau se estende a responsabilidade pessoal de cada indivíduo?*

O homem é responsável diante de Deus por sua atitude, vida, bens e pessoa; pelo devido uso e desenvolvimento de posses e dons pessoais; por suas reacções ao ambiente e privilégios; por sua prática da mordomia e poder determinar o seu destino final.

8. *Em que sentido o homem é um mordomo?*

É mordomo de toda a sua vida porque depende de Deus para tudo. Nada possui que não tenha recebido e nada existe que ele possa levar desta vida, à excepção da personalidade que desenvolveu deste modo: através de verdadeira ou falsa relação com Deus, com outras personalidades e coisas, através do uso adequado ou impróprio de seus dons e posses, e de lealdade ou infidelidade ao seu dever sagrado como mordomo. ☐

—SHELBY CORLETT

DEUS

NUNCA

É admirável a forma como Deus nos ama. O apóstolo Paulo arrebatava-nos com a sua rapsódia de amor. A passagem de Romanos 8:31-39 é de beleza única. Não é poema nem hino, mas a sua beleza retórica eleva-nos às alturas celestiais. Com clareza indiscutível Paulo declara aos romanos (e a nós!) que Deus nunca deixará de amá-los.

O amor de Deus (*agape*) não é emotivo, que vai e vem. O amor *agape* é incondicional; não tem qualquer requisito. Ninguém tem que ser—e o que é mais, não pode ser—digno do amor de Deus. Ninguém pode ganhar nem aumentar o amor divino. Também não podemos perder o amor de Deus; é eterno. Nada nos poderá separar do amor de Deus (Romanos 8:39). Ele nunca nos deixa de amar.

“Que diremos, pois, a estas

DEIXA DE AMAR

—JERRY McCANT

**“O Antigo Testamento
diz que Deus nos ama;
o Novo diz quanto
nos ama”**

(C. Ryder Smith).

coisas?" (Romanos 8:31), pergunta Paulo com eloquência. A palavra "estas" inclui "toda a criação" que "geme" (v.22), aos que "gememos em nós mesmos" (v.23), e ao "próprio Espírito" que "intercede por nós, com gemidos inexprimíveis" (v.26). Paulo está plenamente consciente das "aflições deste tempo presente" (v.18) e de que, graças a Deus, "todas as coisas contribuem juntamente, para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por seu decreto" (v.28). É poderoso o que o Apóstolo implica com a palavra "estas": independentemente das circunstâncias, Deus nunca deixará de nos amar. O amor de Deus tanto está presente no meio das tempestades da adversidade como nos dias de êxito.

Paulo apresenta, a seguir, outra pergunta: "Se Deus é por nós, quem será contra nós?" (v.31). Não se trata de hipótese nem inclui a possibilidade de que Deus não possa estar por nós. Procura preparar o leitor para o que se segue. Coloca a mensagem de Romanos 5—8 sob discussão. Desde 5:5 ele declara que "o amor de Deus está derramado em nossos corações". Deus ama-nos apesar de moralmente impotentes—"sendo nós ainda pecadores" (5:8). Com o apóstolo João, Paulo podia dizer: "Nós o amamos a Ele, porque Ele nos amou primeiro" (I João 4:19).

O amor *agape* não é tanto definido como uma emoção, mas como "Deus é por nós..." (Romanos 8:31). Deus nos "dará também, com ele, todas as coisas" (v.32). O sofrimento e a tristeza não representam qualquer desafio para o eterno amor de Deus. Não devemos relacionar as bênçãos e o amor divino com os "tempos de bonança". Deus deseja o nosso bem, está por nós, inclusive quando tudo à nossa volta

parece desabar. Se nos apegarmos a esta verdade, "somos mais do que vencedores, por aquele que nos amou" (v.37).

Estas duas perguntas: "Quem intentará acusação contra os escolhidos de Deus?" (8:33) e "Quem os condenará?" (v.34), resumem-se a uma só. Deus não nos acusará nem nos condenará porque está "por nós". Depois Paulo formula outra pergunta: "Quem nos separará do amor de Cristo?" (v.35). E continua: "A tribulação, ou a angústia, ou a perseguição, ou a fome, ou a nudez, ou o perigo, ou a espada?" Poderão as circunstâncias contribuir para que Deus nos deixe de amar? Certamente todos temos passado por momentos em que duvidamos se Deus ainda nos ama!

Nenhuma destas circunstâncias nos poderá separar do amor de Deus. "Mas, em todas estas coisas, somos mais do que vencedores" (v.37). Deus está conosco e nos ama em tempo de fome, nudez e perseguição. O amor de Deus não nos livra de desastres, mas a adversidade não significa que Ele não nos ame. Quando problemas nos impedem de orar, "o mesmo Espírito intercede por nós, com gemidos inexprimíveis" (8:26). O amor de Deus não nos livra de problemas mas torna-nos "mais do que vencedores em todas as coisas".

Depois de captar o amor vitorioso de Deus, Paulo exprime-se na linguagem da fé. A lógica tem seu tempo e lugar, mas trata-se aqui de convicções, não de raciocínio. Com eloquência que desafia a análise racional, Paulo expressa a sua fé no Deus que nunca deixa de nos amar: "Estou certo que nem a

morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor" (8:38-39).

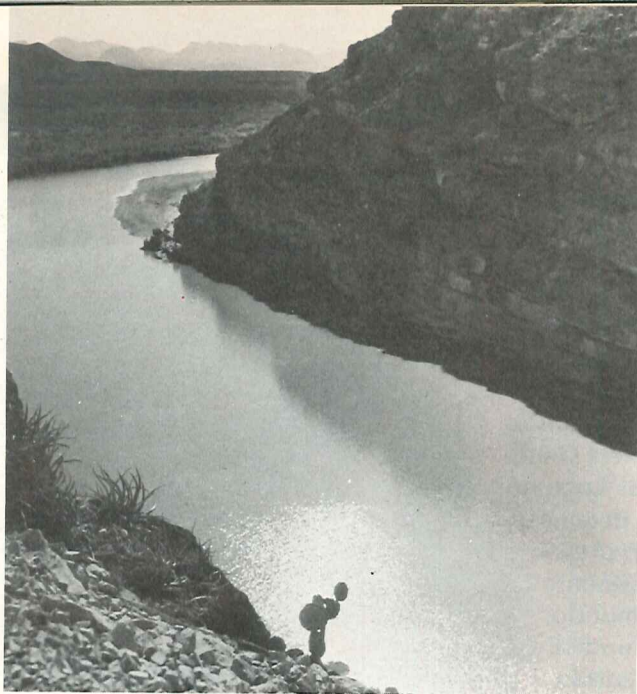
Certo homem disse-me que não amava a Deus porque tinha orado e não fora atendido. Deus não o libertara de seus problemas, a maioria dos quais ele próprio criara. Esta passagem bíblica diz claramente que Deus nunca deixará de nos amar. Eu era pastor quando passei por momentos trágicos. Alguns fiéis bem intencionados diziam-me: "O pastor deve estar bem triste com Deus". Eu ria-me. Aborrecido com Deus? A despeito de circunstâncias dolorosas, sei que Ele nunca deixará de me amar!

Deus não tem respondido a todas as minhas preces. E graças Lhe dou por isso! Em certas ocasiões há nuvens na minha vida. Mas o amor de Deus é constante. Nem tudo parece ter contribuído para bem. Mas o Deus de amor está ao meu lado. Inclusive quando tive de lutar com os meus problemas, aprendi que em todas as coisas posso ser mais do que vencedor porque Deus me ama!

Como responder a estas maravilhosas palavras do apóstolo Paulo? São demasiado poderosas para serem analisadas. Não podem ser comprovadas como silogismos filosóficos. Nem por racionalismo teológico. Talvez a melhor resposta seja

exclamar:
"Aleluia!, em todas estas coisas sou mais do que vencedor pelo eterno e grande amor de Deus!"





O NOSSO REFÚGIO

—DALLAS BAGGETT

Isaías descreveu Cristo como “esconderijo contra o vento, refúgio contra a tempestade, torrentes de águas em lugares secos e sombra de grande rocha em terra sedenta” (Isaías 32:2).

Estes termos parecem descrever tudo o que o Salvador foi e é para nós. Mas poderemos dizer realmente que este mundo não passa de terra cansada e sedenta, e que nós viajamos nela sobre areias ardentes? A resposta é diferente quando temos Jesus Cristo como nossa sombra e refúgio. Talvez o sol da prosperidade nos tente queimar. Ele tanto beneficia como castiga. O mesmo acontece com o êxito. O coração humano não pode suportar demasiado brilho sem correr perigo. O apóstolo



Paulo experimentou esta verdade após a visão do céu—a partir de então foi atormentado por “um mensageiro de Satanás”.

Sim, desde há muito que Cristo tem sido o refúgio e o descanso de pessoas cansadas do mundo e queimadas pelo sol. Em Jesus—não em credos humanos ou sistemas teológicos e éticos—é que encontramos perdão, pureza e poder.

Se fosse possível, há já muito tempo que os homens teriam monopolizado a salvação. Fariseus teriam excluído publicanos; judeus fechariam as portas a gentios; ricos teriam despedido a pobres e homens morais desprezariam a ímpios. Cristo, porém, dá boas-vindas a todos, sem excepção.

Alguém disse que Cristo abriu as portas do céu de tal modo que as fez saltar dos gonzos. Não sei. Mas o certo é que o mais vicioso dos criminosos e o pecador mais miserável podem nascer de novo e ser completamente transformados, se se arrependerem dos pecados e aceitarem Jesus Cristo como seu Salvador. Jesus declarou: “Quem tem sede, venha; e quem quiser, tome de graça da água da vida” (Apocal. 22:17).

Portanto, eu posso convidar: Vinde evangélicos, católicos, judeus, metodistas, batistas, presbiterianos, nazarenos! Decida-se você por Jesus Cristo, quer seja general coberto de medalhas ou soldado raso; ricaço ou simples mendigo. Há lugar para todos sob a Sombra da grande Rocha, que é Jesus Cristo.

Como filhos do pecado e da dor, necessitamos algo mais do que simples auxílio humano! Existem por toda a parte abismos de desapontamentos, perdas irreparáveis, sofrimento intenso, solidão e trevas. No meio de tanta miséria que nos rodeia, a única coisa a fazer é refugiar-nos no Filho de Deus, que Se move com nossas enfermidades e fraquezas.

Ouvi algures contar a história dum homem que, correndo considerável risco, mergulhou no mar para salvar alguém que se afogava. Após o seu acto de coragem, desapareceu sem deixar nome nem endereço. Cristo também veio para salvar os que se afogam no mar do pecado. Ele disse: “O Filho do homem veio buscar e salvar o que se havia perdido” (Lucas 19:10). E ainda acrescentou: “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (João 10:10).

Ira Sankey compôs música para estas palavras profundas e de grande significado:

*Rochado forte é meu Senhor,
Refúgio na tribulação.
Constante e firme Amparador
Refúgio na tribulação.
Lugar de sombra no verão,
Descanso na tribulação.
Vigia na escuridão,
Descanso na tribulação.*
(L.e A.,340)

Na Assembleia Geral de 1989, um dos nossos líderes da América do Sul compreendeu pela primeira vez no seu ministério uma verdade profunda. Disse: "Nós, os líderes do meu país, não somos verdadeiramente internacionais, somos ainda muito regionalistas". Ele estava a pensar não só no seu país e no seu ministério, mas creio que também na Região da América do Sul, bem como em outras áreas à volta do mundo. Deve ter sido este um problema desde a criação do universo. Felizmente esse dirigente e outros captaram uma visão ampla na Assembleia Geral.

A Igreja do Nazareno tem tido sempre uma visão mundial. Logo no humilde começo da nossa igreja, houve líderes com visão de enviar missionários a diferentes partes do globo. O Dr. Bresee não só previu uma igreja nacional mas também mundial. Queria ver um movimento de Deus a levar a mensagem da santidade à volta do mundo. Podemos mesmo perguntar: Por que precisamos duma visão mundial?

Se lermos a Bíblia com cuidado, descobriremos que cada cristão nascido de novo precisa de visão mundial para cumprir a Grande Comissão. Não existe modo de podermos escapar a esta responsabilidade. Como Jesus ordenou aos primeiros discípulos "Ide", Ele faz o mesmo à igreja do nosso tempo.

Quando a igreja começa a olhar para dentro em vez de olhar para fora, para o cumprimento da Grande Comissão, começamos a perder a visão que Deus quer que tenhamos. Existe um princípio bíblico que estimula a igreja a olhar para outros e que a conserva confiante e em crescimento. Deus abençoa tal igreja. Quando agimos como proteccionistas, perdemos a liberdade em Cristo. Isto desenvolve-se em todos os níveis, incluindo a nossa Sede, a Igreja geral, distrital e local. Quando oramos, damos, temos uma visão em alcançar outros, deixamos de ser igreja negligente e Deus nos abençoa de dentro para fora.

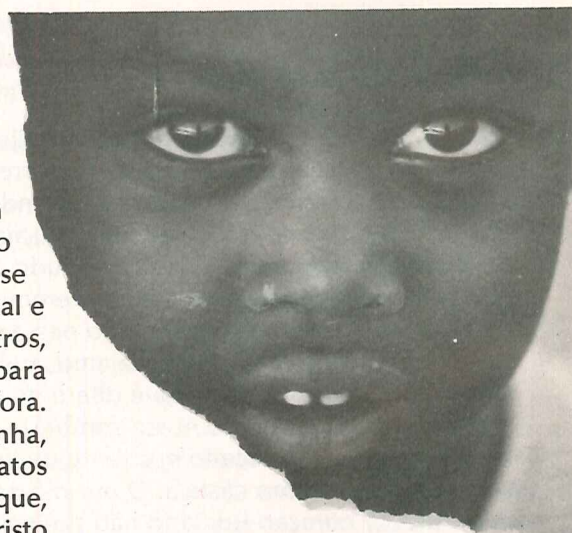
Para conservarmos a visão que Deus quer que a igreja tenha, devemos guardar a perspectiva. É de primazia atender aos mandatos e à vontade de Deus para a igreja. Manter a visão significa que, primeiro, a devemos possuir. Esta visão vem unicamente do Cristo que nos envia ao mundo.

Com frequência nós vivemos dentro do nosso pequeno mundo. Eu converti-me numa pequena igreja no sul do Estado de Indiana. Nessa esforçada congregação tínhamos apenas cerca de 60 pessoas na Escola Dominical. Mas havia algo diferente nessa igreja. Eu percorria de carro 80 quilómetros para estar num lugar onde sentia a presença de Deus através do professor da Escola Dominical, dos cultos de adoração e das mensagens poderosas dum pastor jovem e entusiasta.

Era uma igreja com visão. Em dois anos, mais de doze jovens dessa congregação sentiram chamada para o ministério. Verdadeiramente tinham uma visão mundial quando sentiram a chamada para evangelizarem e fazerem impacto no mundo.

Será verdade que precisamos de alargar os horizontes da nossa igreja? Sim, creio que o devemos fazer para que a Igreja do Nazareno seja no futuro aquilo que Deus quer.

Tem você analisado onde se encontra actualmente a nossa igreja quanto a esta visão mundial? Há anos o Dr. Jerald Johnson exortou a nossa igreja a tornar-se internacional com um alcance global. Nós principiamos este processo doloroso de nos analisarmos a nós próprios, a nossa organização e até o envolvimento dos líderes para



—LOUIE E. BUSTLE

DESENVOLVENDO DUMA VISÃO



VIMENTO O MUNDIAL

nos ajudarem a tornar-nos uma igreja internacional, não apenas uma igreja regional com interesse internacional. Realmente existem hoje desafios tremendos para a nossa igreja quando procuramos envolver outros no processo total de edificar uma grande igreja de alcance mundial, como igreja que envia. Temos dado largos passos para o alvo com a maioria dos nossos compatriotas. Talvez hoje os nazarenos das seis regiões fora dos Estados Unidos e do Canadá estejam mais preparados para se tornarem igreja internacional que as áreas conhecidas como igreja que envia.

Parece que alguns membros da nossa igreja estão a retroceder. Dizem que as regiões mundiais crescem e se expandem demasiado... que em breve nos ultrapassarão... que perderemos o nosso poder de votar... que as deixem seguir o seu caminho e nós continuaremos o nosso... basta excluí-las e deixá-las ter a sua própria organização.

Teremos ouvido demasiado de "nós" e "deles"? Nós nunca seremos uma igreja verdadeiramente internacional até começarmos a considerar-nos a "nós", a igreja internacional, que eu creio ser a vontade de Deus para a Igreja do Nazareno.

O espírito de "deixem as áreas mundiais fazerem a sua própria obra" não é o espírito de Cristo. Estamos interessados em encontrar a vontade de Deus para toda a igreja. O egoísmo é por vezes proclamado por pastores e leigos. Muitos dizem: "É tempo de começarmos a olhar para nossas próprias necessidades, e não ajudar tanto a outros... precisamos de construir maiores igrejas... precisamos de mais dinheiro para o ministério doméstico... deixemos que eles cuidem de si mesmos". Estas expressões e atitudes trarão "estertor" à Igreja do Nazareno. Não percamos a visão mundial de suprir necessidades e de espalhar o Evangelho por todo o mundo. Sejam uma igreja que envia com a atitude de não "quanto posso eu receber?", mas "quanto posso dar?" para o apoio do Reino. É através desta atitude e espírito que Deus abençoa a Sua grande igreja.

Onde queremos ir como um movimento? Sim, quero dizer *movimento*. Reconheço que nos esforçamos para ser uma denominação, mas Deus quer que sejamos um movimento para pregarmos a mensagem da Santidade Divina. Deus deseja que a Igreja do Nazareno tenha impacto divino no mundo. Creio que Jesus deseja ganhar o mundo e usar a Igreja do Nazareno como um instrumento. O único meio de fazê-lo é pelo desenvolvimento duma igreja unida que chegue a todo o mundo. Isto significará compartilhar liderança, responsabilidade e privilégios.

O nosso desafio actual é descobrir meios de ter um só companheirismo, um só espírito, uma só doutrina e uma única organização básica. Apesar de todos estes aspectos que unem a igreja numa só, devemos aprender que podemos ser diferentes em coisas não essenciais, como certos costumes e expressões culturais.

Sim, queremos um movimento de Deus que não seja impedido por nacionalismo e regionalismo, barreiras muitas vezes usadas por Satanás. No Livro de Actos, Deus, no Seu relacionamento com os homens, estava constantemente a procurar trazê-los à unidade até terem uma só mente, um só propósito e uma visão mundial. Que a Igreja do Nazareno seja essa igreja ungida e cheia do Espírito que Deus possa usar para ganhar um mundo perdido e moribundo. □

Fala com Deus antes do culto.
Permite que Deus te fale durante o culto.
Fala com os irmãos depois do culto.

POR QUE VAMOS À IGREJA?



—CHARLES GALEY

O Salmo 122 é um testemunho do rei Davi, da sua alegria em ir à casa do Senhor.

É importante termos em mente qual a razão de irmos à igreja, pois só uma compreensão verdadeira do que ela é nos dará alegria.

Para algumas pessoas a igreja não é um lugar tão alegre quanto o era para Davi. Isto porque elas vêem a igreja como uma denominação; e observam as falhas da organização e o comportamento das pessoas ali presentes; e pode ser que tais características não coadunem com o seu conceito de igreja.

A alegria de Davi em ir à casa de Deus não se baseava na presença ou ausência de determinada pessoa e de quem estivesse a dirigir o culto. Ele via o templo como a casa do Senhor. O seu objectivo principal era cultuar a Deus. É como ir à casa dos pais tão somente para vê-los. Ir porque os pais estão lá, quer estejam ou não os outros irmãos.

As nossas vidas são transformadas na mesma proporção em que nos damos conta da presença de Deus nos cultos falando conosco. Quando assim acontece vemos os nossos irmãos e semelhantes cada vez mais no mesmo prisma de Deus. Isto faz toda a diferença.

A igreja é a casa do Senhor e Deus é Pai de muitos filhos. Estes não são idênticos entre si. Têm temperamentos diferentes, costumes e classes sociais diferentes, sendo também contrastantes outras áreas das suas vidas.

A igreja é sua, irmão, mas não é somente sua. À medida que você se preocupar mais com o fundamental para Deus será mais livre para amar e viver com seus irmãos.

"Alegrei-me quando me disseram: Vamos à casa do Senhor" (Salmo 122:1). □

—FERNANDO C. DE OLIVEIRA

Quando se tornou internacional a nossa igreja? Em 1976? 1965? Ou talvez 1955? Na realidade a Igreja do Nazareno já era internacional mesmo antes da sua formação em 1908!

Os grupos de cristãos zelosos que mais tarde se uniram para formar a Igreja do Nazareno, reconheciam que a Igreja é essencialmente global em seu carácter. Estavam cientes que Deus realmente queria dizer o que disse ao afirmar que era Sua vontade que todos os povos fossem salvos e "chegassem ao conhecimento da verdade" (I Timóteo 2:4). Por isso estes grupos enviaram missionários a Cabo Verde, Japão, China, Guatemala e Índia, mesmo antes da união em Pilot Point.

Mas eles não se contentaram com enviar missionários. Desde os primórdios houve tentativas de envolver os povos na estrutura governamental da igreja. Descobri nos arquivos da igreja que a primeira política missionária que existiu (3 de Março de 1914), sob a liderança do Dr. H. F. Reynolds, incluía uma

QUANDO SE TORNOU INTERNACIONAL A IGREJA DO NAZARENO?

secção sobre "igrejas de auto-sustento e auto-governo". Também um conceito precursor de "distrito regular", através do qual qualquer distrito do mundo poderia tornar-se participante pleno na estrutura do governo central da Igreja do Nazareno.

A ideia duma categoria de "distrito regular" tornou-se política oficial em 1922, expressa da seguinte forma:

[Estas directrizes] visam primordialmente o governo da obra nos campos missionários com seus propósitos elevados, até que igrejas e distritos regulares sejam governados pelo *Manual* da Igreja do Nazareno.

Em 1937 o conceito foi formulado nestes termos, conforme publicado no documento oficial *Directrizes da Junta Geral da Igreja do Nazareno*:

No caso de um distrito missionário manifestar desejo de se tornar totalmente auto-sustentado e assumir o estatuto de distrito regular perante a igreja geral, tal

distrito apelará, através das suas autoridades constituídas, à Junta Geral por tal organização. O distrito assim constituído será governado, em todos os aspectos, exclusivamente pelas provisões do *Manual*.

A declaração acima, acrescida da provisão de "um registo de auto-governo estável", permaneceu intacta durante 30 anos.

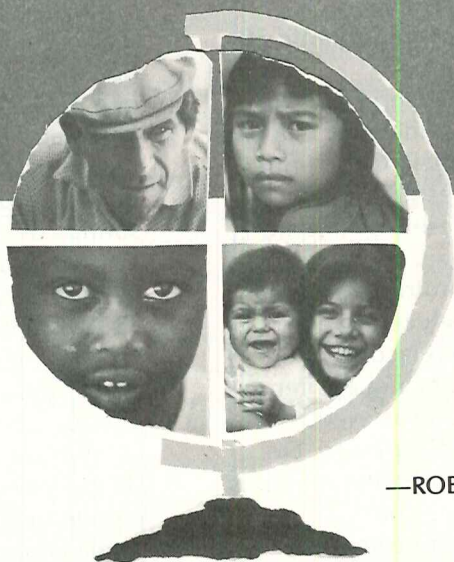
A Assembleia Geral de 1964 reiterou estes princípios; e já em 1972 a Assembleia Geral tinha adoptado um esquema de "estágios de desenvolvimento", através dos quais um distrito atingiria o estatuto de distrito regular, "estabelecendo ao mesmo tempo relações equiparadas com a igreja geral".

Entretanto, outros eventos colaboraram no processo. Em 1928, os superintendentes gerais foram colocados com "jurisdição" sobre campos missionários, como já faziam nos E.U.A., ajudando a unificar a igreja. O sentimento pro independência que se espalhou

entre as nações após a Segunda Guerra Mundial influenciou a igreja, fomentando uma tendência natural para o auto-governo.

Em 1976 a Assembleia Geral aprovou uma Comissão Internacional, procedimento esse que cada Assembleia Geral seguinte tem continuado.

Na Assembleia Geral de 1989 fomos encorajados e abençoados por seu carácter internacional, o que não é "novo" mas sim parte intrínseca da origem da igreja. A denominação tornou-se global dando seguimento aos alvos e sonhos de directrizes que datam de 1914 e do Dr. H. F. Reynolds. Por sua vez, tais esperanças e visões se encontravam no próprio carácter de Deus e seu desejo para os povos do mundo inteiro. João o expressou com eloquência em Apocalipse 7:9: "Depois destas coisas vi, e eis grande multidão que ninguém podia enumerar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e diante do Cordeiro". □



—ROBERT H. SCOTT

INTERNACIONALIZAÇÃO —NÃO É MAU TERMO

É uma palavra comprida. Noto isso todas as vezes que escrevo *internacionalização*. Demora a escrever e requer atenção para a soletrarmos sem erro. Realmente, é uma palavra *enorme*.

O termo também é *compacto*. Abarca um conteúdo espesso. E, com certeza, causa medo porque não estamos certos de quanto encerra.

Apesar disso, acho que não é um *mau* termo. Na Assembleia Geral de 1976, os nazarenos



há certos direitos e responsabilidades que pertencem a todos e a cada indivíduo. Isso tanto é verdade para uma igreja no Estado de Missouri como em Moçambique, no Canadá como no Brasil, no Texas como em Portugal, em Indiana como em Cabo Verde, em Manitoba como no México, na Dakota do Sul como em Samoa, no Arizona como na Inglaterra, em Nova Iorque como no Japão. Com sua teologia e comissão distintas, os nazarenos auto-propagam-se, auto-governam-se e lutam por auto-sustento.

Não foi na Assembleia Geral de 1976 que os nazarenos discutiram ou encararam pela primeira vez tais assuntos. Em 1914 o Dr. H. F. Reynolds, um dos nossos pioneiros mundiais, falou especificamente da responsabilidade comum usando os mesmos termos: auto-sustento e auto-governo. E a nossa história está repleta de relatos impressionantes de como estes direitos e responsabilidades têm sido conferidos e assumidos.

Ninguém pode negar que havia novos desafios a enfrentar em 1989. Foi o ano em que nos tornámos mais conscientes dos diferentes níveis de suficiência (ou insuficiência) económica e do avanço educacional nos quais os povos à volta do mundo conduzem suas actividades e negócios. Haverá igualdade de *direitos*? Poderão as *responsabilidades* funcionar em estruturas similares?

À luz das diferenças existentes, não deverá a Igreja do Nazareno de um país superdesenvolvido ter maior autoridade na tomada de decisões? Considerando as desvantagens, deverá esperar-se que uma Igreja do Nazareno do "terceiro mundo" contribua ainda que com quantias proporcionais para o orçamento dum plano missionário mundial? Ao usar o termo *internacionalização*, os nazarenos

têm respondido às duas perguntas com sim e não, respectivamente. Uma das responsabilidades da igreja dum país desenvolvido será compartilhar autoridade. A igreja do "terceiro mundo" tanto compartilhará responsabilidades como direitos. Não se podem separar. No contexto da nossa teologia e missão distintas, auto-propagação, auto-governo e auto-sustento são propósitos e privilégios sagrados para nazarenos do mundo inteiro.

O que torna esta reflexão aprazível, é a afirmação de que os nazarenos não são simplesmente mais uma aliança denominacional e mundial de igrejas nacionais afiliadas. Somos uma comunhão internacional de membros duma família, pessoas que participam duma grande redenção e com uma tarefa gigantesca. Saímos para contar a um mundo corrompido o potencial maravilhoso da santidade de Deus traduzida na prática da vida diária—em qualquer ponto do globo.

Neste ambiente de compreensão e relacionamento familiar, reconhecemos que um leigo nazareno dum subúrbio pobre de Los Angeles, que não sabe escrever seu nome, terá um nível diferente de expressão que um leigo nazareno de Tóquio, que percorre o mundo em viagens de negócio. Mas nós vemos ambos como parte da *nossa família* e em suas respectivas oportunidades, olhamos para os frutos do Espírito e o testemunho que confirme a redenção nas suas vidas. E quanto e onde pudermos, devemos ajudar-nos mutuamente. Somos uma só família.

Além disso, internacionalização não significa focar a atenção ou dar ênfase a uma cultura em particular, seja ela ocidental ou oriental, do mundo desenvolvido ou do chamado terceiro mundo.

deram atenção e significado especial à palavra. Os delegados colocaram o termo sob um foco de luz especial, que até hoje não se apagou.

Quanto ao funcionamento das Igrejas do Nazareno à volta do mundo, três frases, em particular, têm sido ligadas ao termo: *auto-propagação, auto-governo e auto-sustento*. Com Internacionalização pretendeu-se dar a ideia de que onde quer que existam Igrejas do Nazareno,



Sabemos muito bem que nenhuma cultura mundial tem a última resposta para as necessidades do mundo. Internacionalização concentra-se na *Sua* cultura, a única com resposta final para o povo de qualquer raça ou continente.

Sendo assim, a referência adequada de internacionalização, afasta-nos de diferenças, concentrando-se no que temos em comum: uma missão de santidade a um mundo quebrantado e dividido. Em relação às operações da nossa igreja, o termo desvia-nos da mentalidade de "nós-eles". Pensamos menos em termos de missões "estrangeiras" e "domésticas", e mais em termos da "missão mundial", onde quer que seja: à minha porta e à volta do mundo.

Finalmente, a internacionalização adequada é aquela que se regozija em vez de ter medo, ao descobrir que quase um terço dos delegados à Assembleia Geral vieram de fora dos Estados Unidos, país com o qual se associam as raízes históricas da nossa igreja. Isto é sinal de saúde! E de modo nenhum isso cria potencial para uma coligação de agendas tendenciosas motivadas por interesses nacionais futuros ou exigências de privilégios especiais. A nossa experiência de santidade não o permite. Compelidos à semelhança com Cristo e pelo Seu mandato, reunimo-nos numa família mundial, ultrapassando os obstáculos de língua e cultura. Afirmamos assim a nossa identidade e obtemos conselhos para as nossas decisões. Somos a Sua família, na Sua missão, para o Seu mundo.

Embora *internacionalização*, seja um termo *compacto* e *comprido*, não é um *mau* termo, mas uma palavra boa, nascida no coração e vocabulário de Deus.* □

**"Quero antes a Cristo
Que todo o bem
Que o mundo pode me oferecer."**

CREIO

Aconteceu no aeroporto internacional de Miami, EUA. Umas vozes se misturavam com outras e palavras com palavras até soar como uma tempestade atoadora. Pessoas se precipitavam dum lugar para outro, numa correria louca de chegar a alguma parte. Só os que viajavam juntos mostravam sinais de amizade. As filas de espera eram inflexíveis, enquanto os passageiros disputavam melhores posições.

Meu amigo Clif e eu dirigimo-nos ao portão de embarque, levados pelo movimento intenso da multidão. Um presente que eu acabava de comprar desapareceu-me do bolso como por magia; então segurei com apreensão o bilhete de passagem. A confusão comprimia-nos e presenciamos que estávamos a passar por um mundo que não se relacionava com o nosso.

Do meio da gritaria veio um som que desafiava tudo, pois contradizia a confusão e a loucura do momento. Era como uma vela acesa no mais escuro da noite. Paramos para ouvir. O canto inesperado chegou até nós—conhecíamos bem as palavras e a música—"Quero antes a Cristo".

Então um homem com uniforme de piloto aproximou-se de nós. Agarrei-o pelo braço e continuamos a andar juntos sem resistência ou surpresa. Relutante em interromper o espírito do momento, disse-lhe: "Gosto do hino que está a cantar e do Homem a quem ele se refere".

Respondeu num inglês mal falado: "Poucos conhecem o meu Jesus; quero que o povo O conheça!" E começámos a cantar juntos.

Enquanto caminhávamos sentimos que um Outro "como o Filho de Deus" nos acompanhava. Em breve chegámos aos escritórios das Linhas Aéreas Chilenas. Ele abriu uma porta e misturou-se com o pessoal da companhia. Nós ficamos em silêncio. Em alturas como essa, a voz da alma segreda que para o Evangelho de Jesus Cristo não há fronteiras.

Um clérigo de ascendência francesa que vive no estado de Nova Iorque, um lenhador dos sertões de Nova Escócia, Canadá, e um piloto da América do Sul reunidos nesse momento sagrado com a presença de Deus através do hino bem conhecido

**"Quero antes a Cristo
Que todo o bem
Que o mundo pode me oferecer."**

Suponho que os nomes daqueles que sentiram a chamada: "Vai e fala" a outros de Cristo, permanecerão secretos no livro do registro de Deus. Mas, antes de cada um seguir o seu caminho, eu disse a Clif: "Graças a Deus pelas missões". E ele respondeu: "Amém". □

EM MISSÕES

—KENNETH SULLIVAN



Adaptar para melhor comunicar a **MENSAGEM DIVINA**

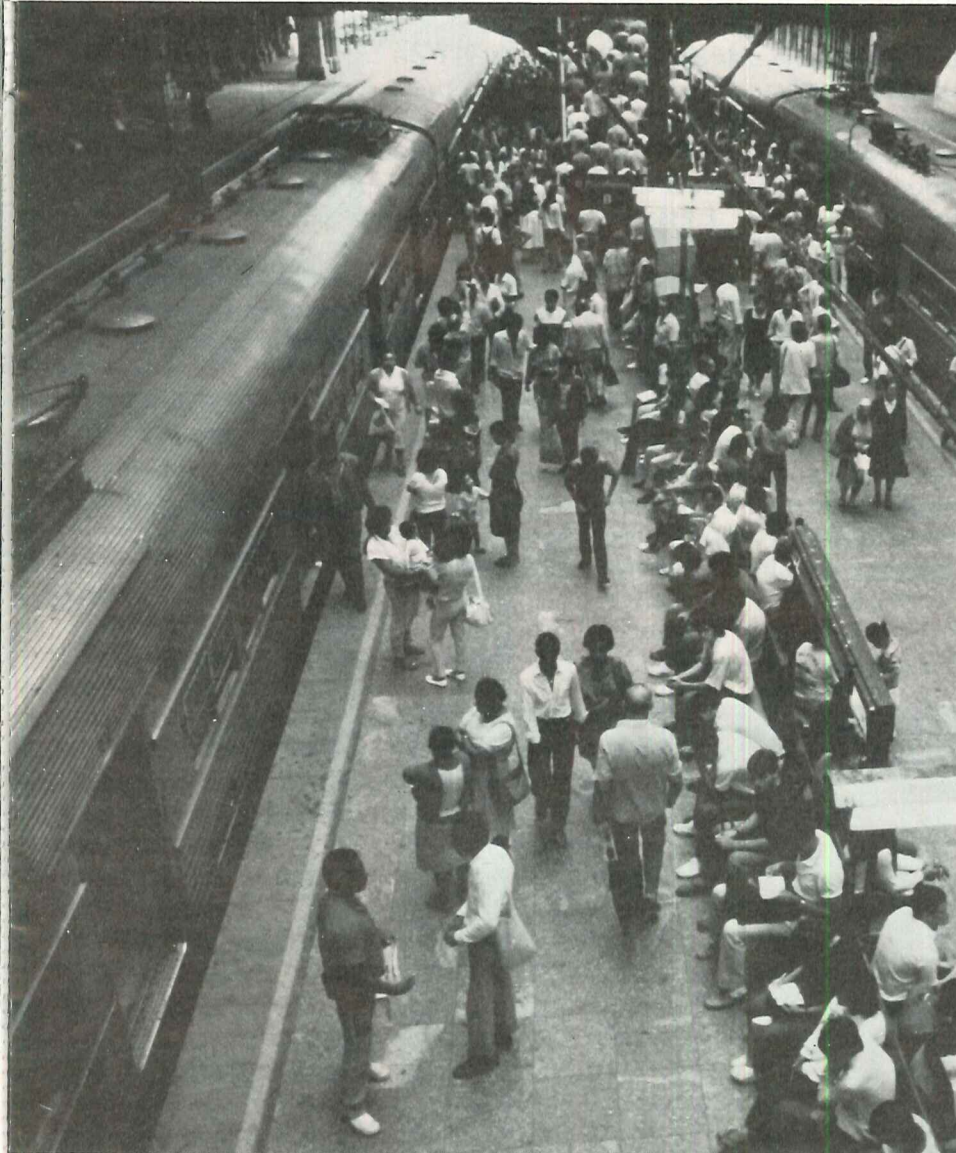
contextualizadas.

O apóstolo Paulo adaptou-se aos diferentes povos e tornou-se audível quando falou sobre os seus problemas e a maneira de os tratar sob a ética de Cristo. Florence Young trabalhou entre os escravos mesmo sendo de família abastada e comunicou-lhes a mensagem com graça e sabedoria anulando as diferenças sociais e conseguindo um ministério frutífero. Hudson Taylor incorporou-se totalmente na pessoa dum nativo para lhe comunicar a mesma mensagem que ecoa há séculos pelo universo.

Porém, o exemplo prático que o Senhor me deu o privilégio de conhecer foi o missionário Jaime Kratz, por largos anos obreiro nazareno no Brasil. Identificando-se com tantos, atingiu com sua comunicabilidade a muitos ministrando-lhes o Evangelho.

São Paulo, essa cidade colossal que abriga em si representantes de todas as raças, línguas e culturas, reclama do mensageiro—para um impacto de vulto—uma visão clara de missiologia contemporânea. Tentar por um só meio, uma só linguagem, um só método ou um só estilo alcançar o povo desta metrópole, é lançar-se ao impossível ou expor-se a iminente fracasso. Inovar é mais importante do que repetir a mesma coisa. Adaptar-se aos endereçados e trabalhar tendo em vista suas necessidades é um princípio vital. Não empregamos aqui a palavra “inovação” com o sentido de mutilar ou adulterar a mensagem, mas em vesti-la com roupas apropriadas, permitindo que os nossos ouvintes entendam sem fazer “ginástica” com a mente. Ser criativo, inovando sempre que necessário, é importante ao futuro do nosso esforço evangelizador. □

—ELIAS PASCOAL



S. Paulo, Brasil—um fluxo contínuo de representantes de todas as raças, línguas e culturas.

A história da revelação de Deus ao homem tem sido contada por muitos durante séculos e das mais variadas formas. Porém ela continua sendo a mesma. O objetivo tem sido alcançado cada vez que alguém ouve, entende e aceita o plano amoroso de Deus para a sua vida. Diferentes idiomas, lugares,

culturas e épocas têm recebido a mesma mensagem do Pai, através das mais diversas pessoas.

Jeremias transmitiu a sua mensagem, às vezes de forma estranha, como quando usou o jugo e também o cinto. Jesus eternizou-Se como o “Mestre por excelência” ao verbalizar Sua mensagem em parábolas

O sábio rei Salomão recorda um dos aspectos salientes da juventude. Disse que "o ornato dos mancebos é a sua força" (Provérbios 20:29). Ele sabia que os jovens são voluntariosos, cheios de energia, aventureiros e audazes.

Não serão porventura os jovens que, com frequência, provocam mudanças sociais, impõem modas, prosseguem causas e arriscam a vida?

Entretanto, embora a juventude tenha imensas virtudes representadas por força, beleza, valentia, inteligência, aventura e graça, também ela se caracteriza pela imaturidade.

Imagino que a imaturidade se assemelhe a um estimulante, quando chega ao cérebro: adormece a sensibilidade, elimina a vergonha, acelera a imaginação e estimula o espírito aventureiro. Outras drogas têm efeito mais dramático, mas o resultado é o mesmo: alteram a percepção da realidade.

Podemos facilmente compreender porque uma pessoa sob esses efeitos não admite conselhos.

Da mesma forma, a imaturidade convida a fechar os olhos à realidade, não permite que a pessoa veja o dever que tem a cumprir, não vê que as suas atitudes afectam outros e que está a desperdiçar a vida. Em resumo, a imaturidade é má conselheira.

O poeta Ruben Dario aponta a outra face da moeda: "Juventude, tesouro divino, vais para não voltar..." Pois,

JUVENTUDE,

apesar da mocidade ser uma etapa fascinante, é certo que não dura muitos anos. E esta

brevidade é uma armadilha para várias pessoas. Quando menos se espera, a juventude escapa-nos das mãos.

Há pessoas que se lamentam de não ter sido suficientemente sábias na juventude para exercitarem em cada situação as virtudes que possuíam. A magia da vida cativa os jovens ao ponto de se enamorarem dela e de crer que são capazes de fazer tudo por si próprios. A visão deturpada enganou-os e convenceu-os de que essas maravilhosas características do jovem durariam por toda a vida.

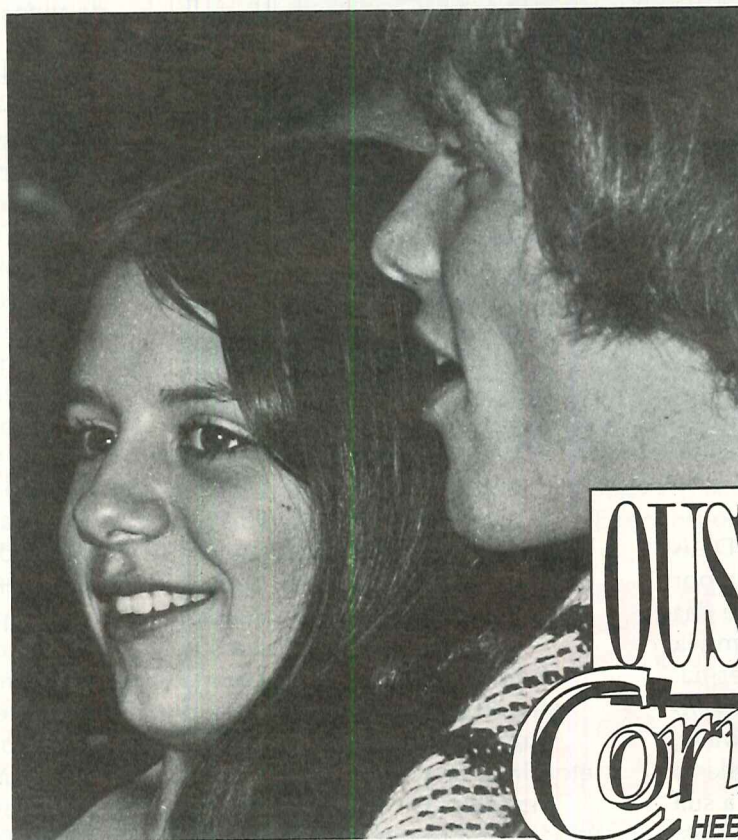
É essa a armadilha mais perigosa para muitas pessoas. Passados alguns anos quase sem notar, reconhecem que já não são jovens, que é tarde para alcançar os alvos com que tinham sonhado; as melhores oportunidades passaram para nunca mais voltarem.

Não há dúvida que Dario também pensou que os seus anos de jovem durariam para sempre; desperdiçou os melhores deles em tabernas e bares. Com quanta mágoa teria pronunciado estas palavras: "Juventude, tesouro divino, vais para não voltar..."

Quantos anos mais durará a sua juventude? E

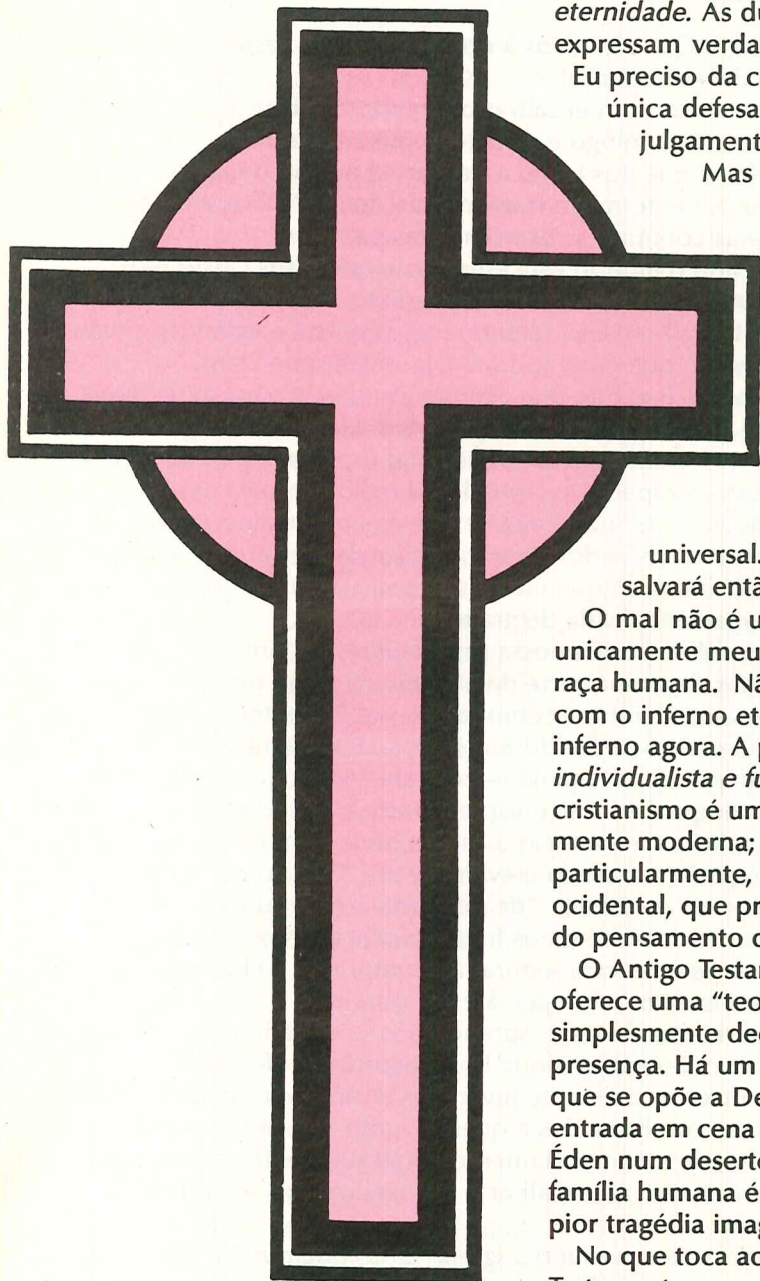
quantas oportunidades terá você desperdiçado? ☐

TESOURO DIVINO



HOUSE
Correr
 HEBREUS 12:1-2

A CRUZ AQUI.



A CRUZ AGORA

Os que pensamos a sério na cruz de Cristo, temos tendência a cometer vários erros ao interpretá-la. Dois deles são de característica individual, *o que a cruz é para mim*, e na perspectiva da eternidade, isto é, *necessito a cruz para passar no céu a eternidade*. As duas frases expressam verdades profundas.

Eu preciso da cruz. Ela é a única defesa perante o julgamento divino.

Mas cada uma destas duas verdades tem o seu complemento: a outra metade. A cruz não é só individual no seu efeito; é

universal. Não só nos salvará então; mas agora.

O mal não é um problema unicamente meu; afecta toda a raça humana. Não só me ameaça com o inferno eterno; o mal é um inferno agora. A perspectiva *individualista e futurista* do cristianismo é uma criação da mente moderna; e mais particularmente, da mente ocidental, que procurou separar do pensamento de séculos.

O Antigo Testamento não oferece uma "teoria do mal"; simplesmente declara a sua presença. Há um poder iníquo que se opõe a Deus. A sua entrada em cena transforma o Éden num deserto. A primeira família humana é atingida pela pior tragédia imaginável.

No que toca ao Novo Testamento, o quadro é bem claro. Não lutamos, diz o apóstolo Paulo, tanto com seres humanos que se nos opõem, mas com principados no ar, autoridades das trevas. E seria difícil acusar Paulo de "supersticioso".

Ao longo dos séculos o

homem, quer tenha ou não acesso à Bíblia, descobre ou pressente estes dois aspectos: o mal que afecta ou pode afectar todos os humanos e que os ameaça *aqui e agora*.

Cambaleando na escuridão, a mente atribui estes maus resultados a toda a espécie de causas. Se uma desgraça cai sobre alguém, pensa-se que "seria o seu destino". Ou "alguém lhe deitou mau olhado". Se é algo menos mau, "tivemos pouca sorte". Cuidado se quebramos um espelho (aguardam-nos então sete anos de má sorte!); ou se andamos debaixo duma escada; ou se um gato preto cruza o nosso caminho. O pior que pode acontecer é vermos um quadro cair da parede; alguém do outro mundo nos quer falar. Parece um mundo de fantasia, mas vivemo-lo todos os dias.

Diante de tais forças sobrenaturais, o homem simples e muitas vezes mesmo religioso, procura ajuda em amuletos, na boa sorte e até em consultar adivinhos; lê horóscopos e, em casos extremos, recorre ao espiritismo. Seria fácil deixar o tema e explorar as vezes em que queremos que a fé cristã se converta em amuleto, algo mágico.

As respostas anteriores ao sobrenatural são geralmente as que se dão a nível comum. No outro extremo, o da sociedade urbana, de pessoas que se consideram "inteligentes", está o culto declarado aos poderes do mal. Este é o extremo do problema. Trata-se aqui de pessoas que não só crêem no mal, mas no Maligno. Prostram-se diante de forças ocultas. O satanismo e o ocultismo estão a aumentar nas capitais do mundo. Que resposta tem o Cristianismo para tudo isto?

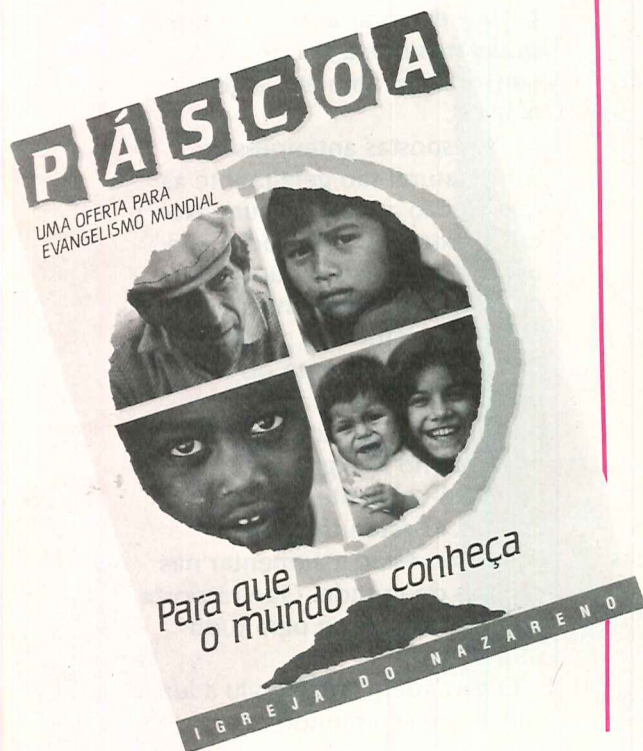
O verdadeiro cristão viu a luz. Enfrenta o seu mundo com

firmeza. Crê que existem forças más no universo—lê acerca delas na sua Bíblia. Reconhece o seu poder. Mas a sua segurança e tranquilidade procedem de que (ele ou ela) caminha de mãos dadas com Deus. O Deus da Bíblia não é um ser caprichoso que se diverte conosco. Ama-nos individual e eternamente. Ele é a nossa sorte, a nossa protecção, o nosso destino.

Quando o Rei do universo é também o Rei do nosso mundo, Ele guardará a nossa entrada e a nossa saída. Como Guarda poderoso da nossa porta só permitirá que entre na nossa vida o que a pode melhorar. Fará o milagre para que do mal saia bem e do pau seco brote a flor. Ele se encarregará, se a nossa mão está na Sua, de que depois de "sofrermos algum tempo", sejamos restabelecidos.

Sem Deus e sem a fé bíblica a vida é um matagal. As forças ocultas, ao mesmo tempo que ameaçam, atraem-nos. Precisamos da cruz aqui e da cruz agora. ☐

—SÉRGIO FRANCO



QUANTO DEVEMOS À NOSSA IGREJA!...

—OSCAR MINGORANCE

A pergunta é: Que devemos à nossa igreja? E a resposta é difícil, porque... lhe devemos tanto!

Há tempos escrevi um ensaio procurando explicar que o homem é criação divina. Um teólogo e psicólogo cubano escreveu no prólogo uma frase que nos levou a pensar na missão da igreja cristã. Disse: "A igreja é a enfermeira num mundo doente". Passaram-se já alguns anos, mas continuo a recordar estas palavras.

É verdade que o mundo está enfermo e que Jesus Cristo é o medicamento necessário para o curar. Por isso, é de suma importância o trabalho dessa "enfermeira" disposta a estender a mão e aplicar o remédio que cura: Jesus Cristo, o Filho de Deus.

É precisamente isso que tem acontecido desde o início da igreja, daí a dívida de gratidão que temos para com ela! Tem transformado milhões de seres humanos. Não no aspecto espiritual, pois só Deus o pode fazer; mas no aspecto sócio-cultural realizado pela igreja através dos séculos. De suas fileiras e influência directa ou indirecta têm saído teólogos, pensadores, escritores, músicos, pintores, oradores e muitos outros que enriqueceram o mundo. Como poderemos pagar esta dívida de gratidão?

Ao voltar o olhar para a nossa própria igreja, o primeiro que sentimos é amor. Fazemos parte dela. Vemo-la como nossa família espiritual e os seus membros como familiares. Encontramos nesse grupo o amor fraterno ensinado por Jesus Cristo—embora haja muitas vezes diferença de opinião—reconhecemos que nada no mundo lhe é comparável. E isto torna-nos mais devedores a essa "enfermeira" solícita em medicar a toda a hora e em toda a parte, pois que a Igreja do Nazareno é evangelística. Ela não cessa de cumprir o mandato de Cristo: "Ide por todo o mundo e pregai o evangelho". Por isso também nós fomos alcançados no campo missionário por pessoas que sentiram e cumpriram a chamada de Deus. Quanto devemos à igreja e a estes obreiros!

Depois, já dentro do redil, aprendemos (e ensinamos) nas classes de estudo bíblico. Podemos ainda hoje recordar professores pacientes em inculcar na mente juvenil os ensinamentos da Bíblia. Também recordamos meninos humildes a quem a igreja ministrou as primeiras regras de civilidade e comportamento social para enfrentarem toda a gente, no seu trabalho de espalhar o evangelho, pois a medicina é para todos.

Realmente devemos muito à igreja. Tanto que o não posso explicar ou resumir aqui. Obrigado, igreja cristã! Muito obrigado, Igreja do Nazareno! Nunca poderemos pagar quanto lhe devemos.

Diríamos em conclusão—e cremos com isto expressar o sentimento de muitos—, que oramos permanentemente que a nossa igreja continue a ser a "enfermeira" de que necessita o mundo. Que ela não se deixe salpicar pelo barro do pecado ao espalhar pelo mundo a medicina que é Cristo. E oramos a Deus que os homens que dirigem a nossa amada igreja não baixem as normas traçadas pela doutrina pessoal do Mestre. ☐



**LEITURAS
BÍBLICAS
DO MÊS**

- 1 I Samuel 21—24
- 2 I Samuel 25—28
- 3 I Samuel 29—31
- 4 II Samuel 1—4
- 5 II Samuel 5—8
- 6 II Samuel 9—12
- 7 II Samuel 13—15
- 8 II Samuel 16—18
- 9 II Samuel 19—21
- 10 II Samuel 22—24
- 11 Salmos 1—3
- 12 Salmos 4—6
- 13 Salmos 7—9
- 14 Salmos 10—12
- 15 Salmos 13—15
- 16 Salmos 16—18
- 17 Salmos 19—21
- 18 Salmos 22—24
- 19 Salmos 25—27
- 20 Salmos 28—30
- 21 Salmos 31—33
- 22 Salmos 34—36
- 23 Salmos 37—39
- 24 Salmos 40—42
- 25 Salmos 43—45
- 26 Salmos 46—48
- 27 Salmos 49—51
- 28 Salmos 52—54
- 29 Salmos 57—57
- 30 Salmos 58—60

**VERSÍCULO
BÍBLICO**

**"Perto está o Senhor
de todos os que o
invocam, de todos
os que O invocam
em verdade**

(Salmo 145:18).

400 DESGRAÇADOS

Era o exército mais insignificante do mundo. Seu capitão, um fugitivo com cabeça a prêmio. Os soldados nem mereciam o nome. São assim descritos num dos textos designados para o mês: "Ajuntou-se a ele todo o homem endividado, e todo o homem que se achava em aperto, e todo o homem de espírito desgostoso, e ele se fez chefe deles; e eram com ele uns quatrocentos homens" (I Samuel 22:2).

Este bando de desgraçados era o exército de Davi, rei designado e ungido para o trono do país. Temos de confessar que a evidência exterior oferecida por tal grupo não estimula a pensar que, a despeito da afirmação bíblica, a escolha e o plano tivessem qualquer apoio divino. "Questão de tempo", sentenciaram estrategistas ao vaticinar a sorte destes "bandoleiros" perante as tropas polidas e bem armadas do rei Saúl, rival implacável. O que também ressalta à vista de qualquer é que, tanta vez, Deus parece negar recursos práticos aos que Ele agraciou com grandes promessas. Então, o espírito humano se encolhe, tentado a fugir em debandada.

É nesses momentos que a fé nos incita a transpor limitações momentâneas e a olhar para mais além do círculo de apertos, dúvidas e desgostos, circunstâncias que parecem frustrar o cumprimento do plano de Deus.

Olhando da perspectiva imediata do Calvário, o trono profético da majestade de Cristo parece também permanentemente perdido. Enquanto os discípulos amargurados colectavam espadas para uma "guerrinha" impossível, Jesus vencida a Seu modo a maior batalha do universo. Ao ler o texto, Deus me fez lembrar que devo computar as minhas forças não pelo número e destreza de aliados, mas pela natureza, promessa e poder do meu Senhor. Ele triunfará, não importam quão desalentadoras sejam as imagens de recursos temporais disponíveis.

Ele venceu a morte. □

ORE:

1. Pelo Distrito de Londrina, no Sul do Brasil (veja página 27).
2. Por uma generosa Oferta de Páscoa que possibilite a manutenção do trabalho nazareno já existente em 89 países e a iniciar-se em outros, no corrente quadriênio.
3. Pelos grupos de Trabalho e Testemunho que se espalham, à sua própria custa, para levantar edifícios e testificar em vários países do poder Salvador do Cristo ressurrecto.
4. Pelos que servem e ministram nas igrejas através da música.

PERGUNTAS

✓ O meu primeiro pastor disse algumas vezes como Deus o chamara para pregar. Isto ajudou-me a ouvir com mais atenção o que ele dizia, sabendo que Deus o tinha chamado. Também me ajudaria se o meu pastor mencionasse algumas vezes a visão que Deus lhe dera para a nossa igreja e como nós a realizaríamos. Concorde em que o pastor devia ter uma visão para a igreja e que devia comunicá-la à congregação?

✓ Em geral, podemos aceitar a literatura da Escola Dominical e de O Arauto da Santidade como reflectindo a crença e o pensamento da igreja?

✓ Certa professora cristã escarneceu e gracejou na sua classe duma jovem grávida. Penso que nós devíamos tratar essa jovem com compaixão e piedade. O pecado é algo sempre sério.

E RESPOSTAS

Quantas vezes deve um pastor mencionar a sua chamada para pregar é um assunto da resposta pessoal que ele der à orientação do Espírito Santo. Jesus Cristo falou apenas uma vez—que saibamos—de tal comissão, mas o Seu ensino e pregação foram ungidos e frutíferos (Lucas 4:16-21). Mencionou várias vezes ter sido enviado pelo Pai, de acordo com o Evangelho de João.

Sim, creio que um pastor deve ter uma visão para a igreja e até alvos para a sua missão. E pode compartilhá-los com os fiéis, para os encorajar e desafiar. Ao mesmo tempo, a proclamação fiel do evangelho através da exposição da Bíblia é mais importante do que material biográfico.

Não há nem haverá dois pastores iguais. Cada qual deve ser ele próprio—cheio do Espírito—para trabalhar com eficácia.

Em geral, sim. Em cada caso particular, não. Temos posição “oficial” em doutrinas vitais, apresentadas nos nossos Artigos de Fé. A exegese exacta de várias passagens da Escritura que alguns usam para apoiar ou explicar estas doutrinas podem reflectir não unanimidade dentro da igreja mas idiossincrasia de cada intérprete. Ninguém pode falar em nome de toda a igreja.

Algumas secções de *O Arauto da Santidade* designam, explicitamente, opiniões com as quais determinadas pessoas—algumas vezes muito boas pessoas—podem discordar totalmente ou em parte. Como, por exemplo, “Perguntas e Respostas”. Os editoriais e artigos que escrevemos ou publicamos não pretendem a aprovação de opiniões em contradição evidente com as nossas declarações de fé, pois todas as opiniões expressas raramente coincidem com as de todos os leitores. Realmente, semelhante revista seria de todo impossível.

O que nós temos sempre procurado é recordar a fórmula antiga: “unidade no essencial, liberdade no secundário e caridade em todas as coisas”.

A sua última frase leva-me a concluir que a jovem é solteira e a criança foi concebida ilicitamente. Realmente, é um caso sério e devemos tratar a jovem com o mesmo amor, compaixão e ajuda que daríamos a uma filha.

A compaixão também se devia estender ao professor. O riso, bem como palavras, pode ser mal interpretado. Mas mesmo que essa professora tivesse sido insensível e descuidada, não teremos nós às vezes procedido da mesma forma? Alguém devia informá-la delicadamente que está sendo “interpretada” como insensível e sem compaixão; talvez por causa do seu próprio bem espiritual e influência ela acabasse por mudar de opinião e comportamento.

Devemos reprová-lo pelo pecado, mas em amor—um amor que possa ser firme e franco sem ser rude e condenatório. Todos nós precisamos de misericórdia; não podemos julgar a outrem. Além disso, também devemos aplicar a Palavra de Deus a cada situação, uma Palavra que traga a sua própria misericórdia e juízo. □

—REX LUDWIG,
Superintendente



**LONDRINA
— NOVO DISTRITO
NO BRASIL**

"A cidade tem 500.000 habitantes. Entretanto, num raio de apenas 120 quilômetros existem 24 outros centros urbanos com populações que

vão dos 20.721 a 196.871.

Começamos do ponto zero, em 1988. Hoje, perto do novo edifício Prefeitura, fica o templo da Igreja do Nazareno com seu espaçoso anexo educacional. Uma campanha de pesquisa e informação gerou 13.000 chamadas telefônicas. Mais de 1.250 famílias indicaram que não assistem a qualquer igreja e mostraram desejo de receber literatura nazarena. Entre os 173 que assistiram ao primeiro culto, vários se entregaram a Cristo,



achando-se entre eles um budista.

Em Junho de 1989 dedicamos o santuário da Primeira Igreja, com capacidade para 300 pessoas. Pouco depois batizamos alguns dos primeiros convertidos. Seguiu-se, um mês depois, a Escola Bíblica de Férias, com 119 crianças inscritas.

Pedimos oração por este trabalho e por orientação divina ao considerarmos um plano de expansão para os próximos dez anos."

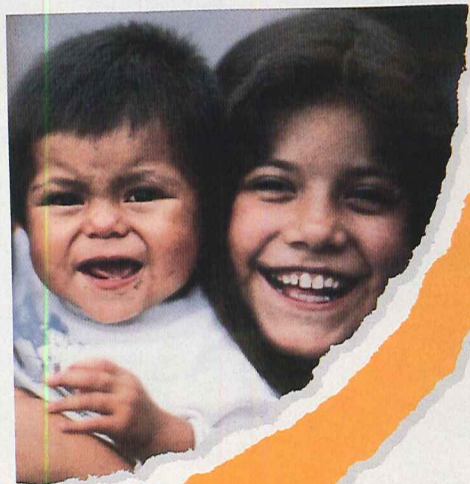
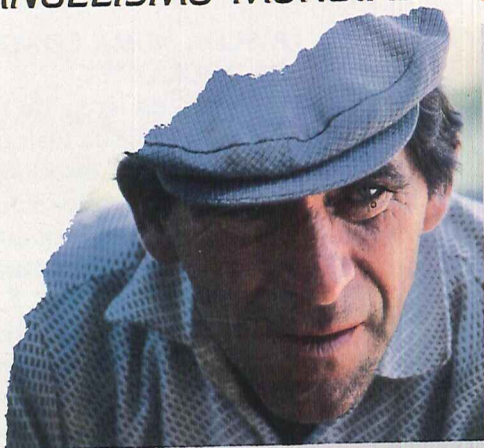
**PÁSCOA NUMA CONGREGAÇÃO
DE IMIGRANTES**

Os fiéis da Igreja do Nazareno de Emaús, na sua maioria caboverdianos, celebram o Domingo de Páscoa com festividades que incluem música especial por grupos corais de crianças e de adultos. É pastor da congregação o Rev. Antônio Nobre Leite. Sem edifício próprio, a igreja usa para os seus cultos semanais instalações cedidas pela Universidade Nazarena do Leste (ENC).
—Notícia e fotos recebidas do Rev. ANTÔNIO LEITE, pastor.

**A Oferta de Páscoa
possibilita o evangelismo mundial.
Dê generosamente pela Causa
que levou Jesus a dar a própria vida.**

PÁSCOA

UMA OFERTA PARA
EVANGELISMO MUNDIAL



Para que
o mundo conheça

I G R E J A D O N A Z A R E N O